

Kuumba na Amazônia paraense: a criatividade negra como propulsora à continuidade das existências negras na contemporaneidade

Kuumba in the Amazon: black creativity as a driver for the
continuity of black existence in contemporary times

Emerson Silva Caldas
UFPA

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98305>

Resumo

O artigo em questão busca, através do princípio panafricanista de kuumba e das histórias africanas de Ananse, mergulhar no universo poético, político e revolucionário, engendrado pela população negra na diáspora africana, sobretudo na Amazônia paraense, para que assim seja possível compreender algumas práticas criativas do Movimento Negro que visam à manutenção das existências negras, tanto no período colonial quanto na contemporaneidade. Para tanto, as reflexões e as análises realizadas possuem, como base, as epistemologias negras da diáspora africana em suas múltiplas áreas do conhecimento, com o intuito de criar afroconfluências e compartilhamentos, como define o mestre Nêgo Bispo (2023), assim como o conhecimento de base afrocentrada, proposto pelo filósofo Molefi Kete Asante (2009). Deste modo, considero que o aprofundamento nas questões que envolvem as ações do Movimento Negro possibilita a continuidade dos aprendizados sobre as práticas ancestrais como tecnologias de sobrevivência e manutenção das existências negras, mesmo diante das adversidades como o racismo, o colonialismo, o capitalismo e as opressões contra seres humanos e natureza.

Palavras-chave: diáspora africana; kuumba; movimento negro; Amazônia; existência negra.

Resumen

El artículo en cuestión busca, a través del principio panafricanista del kuumba y los cuentos africanos de Ananse, ahondar en el universo poético, político y revolucionario, engendrado por la población negra en la diáspora africana, especialmente en la Amazonía de Pará. Para que sea posible comprender algunas prácticas creativas del Movimiento Negro para mantener las existencias negras, en el período colonial y en la época contemporánea. Para ello, las reflexiones y análisis realizados se basan en las epistemologías negras de la diáspora africana, en sus múltiples áreas de conocimiento con el objetivo de crear afroconfluencias y compartir, tal como lo define el maestro Nêgo Bispo (2023), así como el conocimiento afrocéntrico, propuesto por el filósofo Molefi Kete Asante (2009). De esta manera considero que profundizar en las problemáticas que rodean el accionar del Movimiento Negro posibilita la continuidad del aprendizaje sobre las prácticas ancestrales como tecnologías de supervivencia y mantenimiento. de las existencias negras, incluso frente a las adversidades del racismo, el colonialismo, el capitalismo y la opresión contra los seres humanos y la naturaleza.

Palabras clave: diáspora africana; kuumba; movimiento negro; Amazonía; existencia negra.

Abrir caminhos - acender os sóis

A escrita deste trabalho parte principalmente de investigações no campo das Artes Visuais e da Antropologia, assim como outras áreas do conhecimento, tendo como base as epistemologias negras propostas por artistas, sociólogos, antropólogos, ativistas e intelectuais que possuem, na centralidade de suas pesquisas em seus campos de conhecimentos, aquilo que diz respeito à experiência negra no mundo contemporâneo.

O artigo em questão foi ilustrado com colagens analógicas e digitais que foram produzidas no Laboratório Kuumba de Poetnografias, no qual venho desenvolvendo trabalhos visuais que relacionam artes, etnografia e poesia, com o intuito de criar aquilo que a artista Rosana Paulino nos fala sobre: “um alargamento das experiências cognitivas necessárias à vida em sociedade” (Paulino, 2011, p. 11). Dessa maneira, as colagens dialogam diretamente com as teorias e discussões tratadas no texto e também são resultados de reflexões e análises sobre tudo aquilo que envolve esta pesquisa.

Sendo assim, utilizando as palavras germinadoras, propostas pelo Mestre Quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), o Nêgo Bispo, compreendo que, ao propor o diálogo entre intelectuais negras/os que estão pensando sobre suas realidades sociais, econômicas, culturais e políticas, encontro a possibilidade de criar diálogos entre as afroconfluências negras no campo epistemológico (Paulino, 2011, p. 11; Bispo dos Santos, 2023, p. 10-11; Asante, 2009, p. 93). Desse modo, maneiras de expandir a imaginação, o sonho, a beleza e a criatividade das existências negras em suas pluralidades e complexidades são criadas.

Essas proposições também dialogam diretamente com aquilo que o

filósofo Molefi Kete Asante, em *Afrocentricidade: notas de uma posição indisciplinar* (2009), propõe com a afrocentricidade enquanto uma posição metodológica inovadora, no sentido de construir pesquisas que estejam ancoradas na busca radical para compreender os fenômenos engendrados pela população negra como agente central e protagonista de sua própria realidade, e não às margens da experiência branca-europeia.

Posto isso, o trabalho em questão, além desta introdução, também é composto pela sessão, “Kuumba no complexo horizonte da atmosfera negra”, na qual reflito sobre o princípio de base panafricanista kuumba, em diálogo com as histórias africanas de Ananse, assim como questões referentes às linguagens, imagens e representações e suas relações com a existência negra no mundo contemporâneo.

Em seguida, em “Kuumba como energia criativa e possibilidade de sobrevivência através do quilombo”, são abordadas as possibilidades de relacionar as revoltas quilombolas do período escravista com as herdeiras/os de Ananse e a energia de criação emanada por kuumba. Ademais, na seção “Kuumba nos rios, florestas e ruas da Amazônia paraense”, apresento algumas questões referentes às organizações históricas do Movimento Negro na Amazônia paraense, do período colonial até os dias atuais, com o intuito de perceber de que forma, nesse território poético, político e revolucionário, a população negra vem criando maneiras criativas para sobreviver.

Assim, seguindo as proposições do Mestre quilombola Nêgo Bispo, escrevo “começo, meio e começo” (Bispo dos Santos, 2023, p. 30), com o intuito de subversão das lógicas acadêmicas ocidentais. Percebo que o fluxo de produção de conhecimento está nesse constante começo, meio e começo, no qual as/os pesquisadoras/es, ao entrarem em contato com as produções uns dos outros, seguem fazendo esse fluxo contínuo e circular do conhecimento.

Kuumba no complexo horizonte da atmosfera negra

Kuumba, palavra de origem africana, é um dos sete princípios da celebração pan-africana Kwanzaa, criada pelo ativista e intelectual Dr. Maulana Karenga, em 1966¹. O princípio de kuumba diz respeito à criatividade, à forma como as africanas/os continentais, ou em diáspora, seguiram produzindo formas de nutrir e manter uma comunidade forte e viva, com o intuito de prover o melhor para suas existências e para aqueles que viriam. Em *Nguzo Saba: The Seven Principles* (1965), o princípio de kuumba é definido pelo Dr. Maulana Karenga como a energia que impulsiona a comunidade negra a fazer sempre o melhor que puder

E. Ellis Auburn, no artigo *Cultivating Kuumba* (2015), fala-nos da utilização do princípio de kuumba como uma via de expansão dos aprendizados, no sentido de mergulhar nas múltiplas experiências de saberes através da criação e da criatividade negra nas mais variadas áreas de atuação, pois foi, a partir de kuumba, que a população negra escravizada seguiu expandindo seus conhecimentos sobre o mundo circundante.

Dessa maneira, no sentido de adentrar em outras nuances da construção de conhecimento e com o intuito de expandir e colocar em prática a criatividade, passei a desenvolver colagens analógicas e digitais que trazem como referência os corpos negros e as questões relacionadas às minhas investigações no campo da Arte e da Antropologia. Sendo assim, elas são como um alargamento das experiências e reflexões que não são manuscritas

1 Kwanzaa, que em sua etimologia remete a “no início, o primeiro” ou “os primeiros frutos”, é uma festa africana em que os frutos do trabalho são celebrados e ocorre todos os anos de 26 de dezembro a 01 de janeiro, sendo caracterizada como uma celebração religiosa e não-familiar e, dessa forma, possui relação com celebrações muito antigas de colheita em África. Além disso, possui o Nguzo Saba, que em Ki-Swahili significa Os Sete Princípios, desenvolvidos pelo Dr. Maulana Karenga (1965), os quais são umoja (unidade), kujichagulia (autodeterminação), ujima (trabalho coletivo e responsabilidade), ujamaa (economia e criatividade), niia (propósito), kuumba (criatividade) e imani (fé).

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

com palavras, mas sim com imagens através das colagens (fig. 01).

Figura 01: Kuumba. Autor: Emerson Caldas



O pesquisador Tarik Richardson, em *Kuumba: Kwanzaa and the Strategic Importance of African Creativity* (2022), afirma que, sem a criatividade, os povos africanos na diáspora, teriam sido massacrados pelas violências coloniais da escravidão, tendo em vista seus impactos físicos,

psíquicos e espirituais nos corpos negros. Com isso, kuumba, a criatividade negra, foi essencial para manutenção de nossas existências, por exemplo, o candomblé, vodu, santería, quilombos e em todas as ações de africanas/os, na busca constante pela emancipação e liberdade.

A pesquisadora Zélia Amador de Deus, em sua tese de doutorado *Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cota para negros na universidade* (2008), ao pensar sobre a criatividade negra na diáspora africana, aborda as resistências da população negra na Amazônia paraense, utilizando da narrativa africana de Ananse² como uma metáfora para abordar a maneira que o povo negro, desde o período colonial, seguiu construindo alternativas de sobrevivência em meio às violências da escravidão que atuavam contra a humanidade negra nos diversificados aspectos que envolvem o ser (Amador de Deus, 2008). As histórias de Ananse cruzaram o Atlântico e chegaram na Amazônia, na Ilha do Marajó, quando a avó de Zélia Amador dizia:

Não! Não se deve matar uma aranha! Essa aranha pode ter mãe. A mãe dela pode ser uma deusa. Ela pode ser filha de Anansia: Cresci ouvindo minha avó contar essa história. E eu pensava com meus botões: minha avó e essas histórias do Marajó.... Quando que uma aranha pode ser filha de uma Deusa? Mas minha avó sempre aparecia com novas histórias de Anansia para contar. Bem que algumas vezes dava vontade de esmagar aquelas aranhinhas, as bem pequenininhas. Escondida, a minha avó nem ia saber, não ia nem desconfiar! Mas, pelo sim pelo não, era melhor não matar aranha. [...] Mais tarde compreendi que as Anansias das histórias de minha avó, derivavam do mito da Deusa Arana, divindade da cultura Fanti-Ashanti (Amador de Deus, 2008, p. 13).

As memórias de Zélia Amador de Deus, através do relato, demonstram o

2 Alguns estudiosos apontam que a origem do mito de Ananse provém da cultura dos povos Fanti-Ashanti com a diáspora africana. Essas histórias de Ananse e muitas outras chegaram às Américas juntamente com os africanos e africanas que foram sequestrados de suas origens e, mesmo vivenciando situações de dominação e subordinação, continuavam a criar formas de se reinventarem nesse novo lugar, lutando, resistindo e preservando suas memórias culturais. Dessa, forma, tais narrativas fazem parte dos africanos e africanas que atravessaram o Atlântico.

poder da oralidade africana na manutenção das narrativas culturais. A autora nos conta que Ananse acompanhou suas filhas/os que foram dispersados pelo mundo com o tráfico de africanas/os pelos europeus às Américas, pois essa divindade possibilita que suas herdeiras/os criem laços de solidariedade, mesmo diante das adversidades que atingem a população negra de inúmeras formas.

Por isso, na colagem abaixo, apresento a imagem de Zélia Amador de Deus atuando na peça *A lenda do Vale da Lua* do ano de 1978, dirigida por Walter Bandeira, mesclada com elementos que estão relacionados com a cultura dos povos Akan e a forte ligação com as histórias de Ananse. Por exemplo, o bastão usado por um Okyeame (conselheiros de alto escalão) dos Asante, traz na parte superior representações de Ananse, ficando perceptível a relação de Ananse com a sabedoria e a criatividade, assim como também se faz presente na simbologia do Adinkra Ntotan Ananse (fig. 02).

Figura 02: Zélia Amador de Deus, herdeira de Ananse.

Autor: Emerson Caldas



Outro fator importante a ser destacado é a escrita de Zélia Amador de Deus, marcada pela narrativa teatral. Desse modo, ela cria uma abordagem sobre as movimentações da população negra na Amazônia, sobretudo na luta pela implementação de cotas na Universidade Federal do Pará, na qual a população negra é descrita como a protagonista, buscando trilhar caminhos nas lutas contra o racismo, por isso é denominada como as herdeiras/os de Ananse, atuando no combate ao antagonista que é personificado como o

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

próprio racismo.

O pensamento dessas pesquisadoras negras citadas, E. Ellis Auburn (2015), Tarik Richardson (2022) e Zélia Amador de Deus (2008), demonstra justamente aquilo que o mestre Nêgo Bispo aborda sobre as confluências e afroconfluências entre os pensamentos e as ações do povo negro na diáspora. Além disso, essas pesquisas, ao tratarem da criatividade negra através de kuumba e das histórias africanas de Ananse, reafirmam o lugar de potencialidade criativa, poética, política e revolucionária através das epistemologias da diáspora negra que estão em afroconfluências. Com base nas proposições do mestre Nêgo Bispo:

Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso (Bispo dos Santos, 2023, p. 10-11).

As autoras escrevem de lugares distintos em termos de localização territorial. E. Auburn e Tarik Richardson escrevem a partir da experiência negra dos Estados Unidos, e Zélia Amador de Deus do Brasil, mais especificamente da Amazônia paraense. No entanto, mesmo considerando as distintas experiências de corpos negros ao redor do mundo, podemos perceber interesses em comum ao destacarem os modos como os nossos ancestrais, no contexto da escravidão e das violências do colonialismo, seguiram elaborando formas criativas para manutenção das vidas negras.

Ao criar possibilidades de diálogos entre pesquisadoras/es negras/os,

é possível construir afroconfluências entre os saberes que são perpassados através de suas experiências, pesquisas e escritas sobre as realidades sociais, culturais e políticas, na elaboração de estratégias e tecnologias ancestrais de sobrevivências. É nesse sentido que compreendo kuumba como força propulsora marcante nas criações negras em suas abundantes possibilidades e áreas de conhecimentos, seja as artes visuais, as artes cênicas, a música, a dança, a literatura, dentre outras. São as emanções de energia criativa e ancestral de kuumba presentes nas ações de herdeiras/os de Ananse.

Adentrando ao complexo horizonte da atmosfera negra

O sociólogo jamaicano Stuart Hall, em seu trabalho *Identidade Cultural e Diáspora* (1996), considera que é preciso que intelectuais negras/os sigam escavando a identidade cultural da diáspora negra-africana, assim é possível construir uma percepção mais aprofundada sobre as relações, experiências, culturas, práticas e formas de resistências negras ao redor do mundo.

Tais manifestações e ações desenvolvidas pela população negra se desvelam em múltiplas linguagens. Para Stuart Hall no livro *Cultura e representação* (2016), é através da linguagem que atribuímos os sentidos às coisas ao nosso redor, ou seja, construímos um significado para algo. Por isso, a linguagem é essencial à cultura de um povo, pois ela é representacional, signos e símbolos são utilizados com o intuito de demonstrar as ideias, os conceitos e os sentimentos. Essa linguagem é múltipla, tendo em vista que se expressa em sons, escritas, imagens, músicas, objetos que são criados para estabelecer algum tipo de relação com o outro (Hall, 2016, p. 23-24).

O autor aponta que todas essas formas de produção e transmissão são línguas, operando por meio da representação, e é o que ele irá definir como sistemas de representação, práticas operando como línguas que não são

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

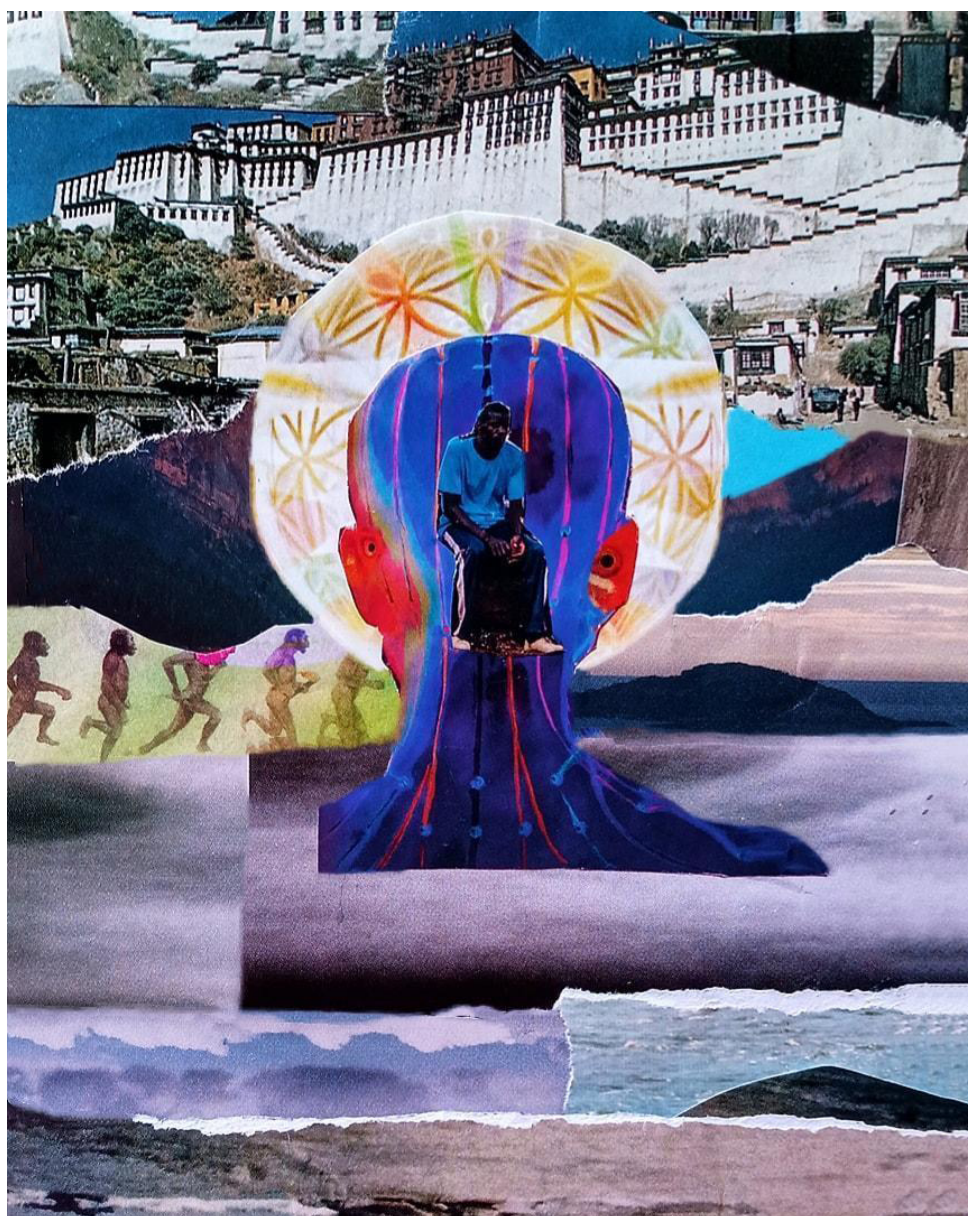
necessariamente escritas ou faladas, “mas sim porque todas se utilizam de algum componente para representar ou dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia, um sentimento” (Hall, 2016, p. 23-24). Além disso, conforme a pesquisa realizada pela psicóloga e artista Grada Kilomba no livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), o racismo também se apresenta como um regime discursivo, buscando a violentação de corpos negros, através de palavras e imagens.

Compreender a linguagem como prática significativa é essencial para compreender a importância do universo de criações que podem ser expandidos através da utilização do princípio de kuumba, visto que a população negra em diáspora utiliza das mais variadas linguagens em suas realizações, elaborando formas e práticas significativas para suas existências no mundo. Vale destacar que a construção de um sentido para a existência negra é um desafio posto às pessoas negras no mundo contemporâneo, tendo em vista as engrenagens de um sistema racista que insiste no aniquilamento do ser negro, através das constantes tentativas de esvaziamento de sua identidade.

Em diálogo com essas reflexões, desenvolvi a colagem “Eu penso mil fita, vou enlouquecer”³, na qual busco abordar os amplos sentidos das definições que denominam o que é essa tão intrigante existência no mundo, a partir de um olhar que desvele e esteja interessado em conhecer as vidas negras não somente no que diz respeito às tensões raciais, mas enquanto um mergulho profundo no ser negro enquanto complexidade humana latente, mutável e diversa. Nesse sentido, é necessário ir além daquilo que os rótulos dos estereótipos impostos pelo mundo branco insistem em descarregar sobre a população negra (fig. 03).

3 O título da colagem faz referência a um trecho da canção “Jesus chorou”, dos Racionais MC’s.

Figura 03: “Eu penso mil fita, vou enlouquecer”. Autor: Emerson Caldas



É preciso estar atento às proposições de intelectuais como as da antropóloga Zora Hurston (2019), do sociólogo Guerreiro Ramos (1995) e do escritor James Baldwin (2020), bem como suas análises sobre aquilo que pode ser denominado como uma espécie de portão que foi trancado no sentido de aprisionamento das narrativas, histórias e instigações negras no mundo, em um olhar que trata o negro como um tema, um objeto de pesquisa, algo simplificado e desinteressante.

A antropóloga Zora Hurston (2019) escreveu sobre a falta de interesse

de editores brancos em publicarem histórias de pessoas negras que não estivessem atreladas com a tensão racial, pois as pessoas de modo geral consideravam irrelevantes a compreensão das dimensões complexas que envolvem as vidas negras, acreditando que tudo sobre o povo negro já estava condicionado e que não havia mais nada a ser desvelado. Sendo assim, não era rentável para os editores e produtores brancos a publicação de histórias de pessoas negras que estivessem fugindo dos rótulos estabelecidos por eles sobre o que é ser e viver a experiência negra no mundo. Essas questões abordadas pela autora estão relacionadas com aquilo que Stuart Hall (2016) demonstra sobre como os estereótipos buscam apresentar o negro enquanto uma figura simplificada, reduzida e essencializada:

[...] Os negros não eram apenas representados em termos de suas características essenciais. Eles foram reduzidos à sua essência. A preguiça, a fidelidade simples, o entretenimento tolo protagonizado por negros (coonin), a malandragem e a infantilidade pertenciam aos negros como raça, como espécie. Para o escravo de joelhos não havia mais nada, senão sua servidão [...] (Hall, 2016, p. 173).

A perspectiva da visão reducionista, estereotipada e essencialista sobre corpos negros é abordada pelo escritor e ativista James Baldwin, quando narra sobre sua escrita ter, como marca, aquilo que diz respeito à condição do negro nos Estados Unidos. Para o autor, suas produções que envolvem a vida negra são como: “o portão que me vi obrigado a destrancar para que pudesse escrever sobre qualquer outra coisa” (Baldwin, 2020, p. 34). Partindo dessa percepção, é possível compreender que o autor entende sua escrita como uma forma de abrir caminhos, destrancar os portões literários que aprisionam as produções de pessoas negras nas artes visuais, no cinema, na literatura e etc., pois, ao se fecharem apenas a uma visão, os supremacistas brancos constroem um imaginário social racista e limitado, no qual somente

eles podem possuir complexidades em suas existências.

São as dinâmicas do epistemicídio abordadas por Sueli Carneiro em sua tese de doutorado *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (2005), na qual ela aborda que as histórias, as artes, as manifestações da cultura negra, os sentimentos e as ações complexas que envolvem o povo negro passam pelo processo de apagamento constante. Esse ocultamento está diretamente atrelado ao aprisionamento da negritude em um imaginário racista que esmaga as existências e busca a manutenção da branquidade na posição de privilégio, dominação e poder. Para Zora Hurston (2019), essas representações fragmentadas e estereotipadas sobre o povo negro não nos possibilita uma imagem real e uma compreensão mais profunda da realidade, e é por isso que a antropóloga nos convoca à violação urgente e radical, frente às engrenagens racistas estabelecidas na sociedade.

Essas violações podem ser compreendidas nas múltiplas vozes e nos olhares negros que não se deixam enclausurar pelas mentiras contadas pelos supremacistas brancos e seus mecanismos de alienação. São as/os negras/os que seguem na frente das articulações e na busca por autodefinição, mergulhando nos lugares mais profundos das dinâmicas que envolvem suas vidas, por meio das artes, da literatura, do cinema, da dança, da política, das intelectualidades, da história e da cultura negra em sua imensidão, e apresentando caminhos possíveis para desvelar tudo que está ocultado.

É nesse sentido de refletir sobre as múltiplas nuances que envolvem a existência negra, que o sociólogo Guerreiro Ramos (1995) abre caminhos, ampliando o debate e possibilitando o aprofundamento nessas questões sobre a existência negra. O autor apresenta a ideia de Negro-Vida que se opõe ao Negro-Tema:

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida (Ramos, 1995, p. 215).

Para Guerreiro Ramos, o Negro-Tema está presente no olhar de antropólogos e sociólogos que insistem em enxergar as dinâmicas que envolvem a vida da população negra como algo estático, uma temática curiosa e que chama atenção. Para o autor, é importante ter uma visão que compreenda o Negro-Vida: “que não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje” (Ramos, 1995, p. 217).

Desse modo, pensar nas dinâmicas que envolvem a vida da população negra em seu viés social, cultural e político a partir da visão de Negro-Vida que nos apresenta Guerreiro Ramos permite a construção de um olhar mais comprometido com a interpretação da realidade vivenciada por esse grupo. Outrossim, como aponta o sociólogo W.E.B. Du Bois no livro *As almas do povo negro* (2021), é preciso ir além da perspectiva que enxerga o corpo negro somente como um problema a ser resolvido.

O desafio de ir além dos estereótipos, dos enclausuramentos e das prisões estabelecidas ao povo negro possui caminhos tortuosos. Diante disso, a população negra, através de suas articulações no Brasil e no mundo, segue historicamente através dos movimentos de negritude criando caminhos, mundos e futuros possíveis para um reconhecimento da complexidade presente em cada molécula de existência negra.

Kuumba como energia criativa e possibilidade de sobrevivência através do quilombo

Conforme as reflexões expostas, envolvendo a complexidade da existência negra no mundo contemporâneo e as formas criativas e revolucionárias de resistência, como as ações das herdeiras/os de Ananse e kuumba, compreendo a importância de um contínuo nas tecnologias ancestrais elaboradas pelas africanas/os na diáspora às Américas. Portanto, é essencial o reconhecimento das lutas quilombolas como matrizes para pensar estratégias de proteção e enfrentamentos que auxiliem a população negra no futuro de suas existências.

Os quilombos no período colonial foram utilizados como estratégias de resistências, essas experiências vivenciadas pelas negras/os que se rebelavam contra o sistema de escravidão colonial possibilitaram a atribuição de novos sentidos às suas vidas e o protagonismo em suas próprias histórias. A historiadora Beatriz Nascimento, em *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (1985), afirma que os quilombos são um marco na história do povo negro no Brasil. A autora entende o quilombo como uma instituição africana, um sistema social alternativo, demonstrando assim capacidade de resistência e organização da população negra.

Seguindo essa perspectiva, o historiador Flávio Gomes, em sua tese de doutorado, *A Hydra e os Pântanos: Quilombos e Mocambos no Brasil - Sécs. XVII a XIX* (1997), afirma que os quilombos são locais de reinvenção das práticas culturais e econômicas, sendo assim irá nomear as lutas quilombolas do período oitocentista como guerras pela liberdade, pois, mesmo com diversos ataques, eles continuaram resistindo aos processos de reescravização, por isso progrediram. Ademais, “os quilombos atacados subdividiam-se, migravam e multiplicavam-se em outros mocambos” (Gomes, 1997, p. 248).

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

O historiador Clóvis Moura, em seu livro *Quilombos: Resistência ao escravismo* (1993), teoriza que, durante o regime da escravidão, as manifestações e revoltas do povo negro se espalhavam por todo o Brasil. É nesse contexto que os quilombos se apresentam como a maior estratégia para o desgaste do sistema escravocrata, atingindo diretamente as forças produtivas do sistema colonial. Por isso, falar sobre a luta da população negra pela emancipação e liberdade no território brasileiro requer a constante reflexão das lutas e ações protagonizadas pelos quilombolas.

Criando um paralelo, entre as histórias africanas de Ananse, os quilombos e kuumba, é possível afirmar que os quilombolas também são as herdeiras/os de Ananse, tecendo teias de liberdade na diáspora africana, apresentando outras formas de sobrevivência e lutando contra as violências da escravidão. O quilombo emana a energia de kuumba que é canalizada e colocada em prática em sua própria existência, na construção de sentidos, linguagens, e de outros meios de estabelecer significações à vida e tecnologia ancestral na construção de um novo modelo de sociedade com base na ancestralidade africana.

Kuumba nos rios, florestas e ruas da Amazônia paraense

O historiador Vicente Salles no livro *O negro na formação da sociedade paraense* (2004), ao pesquisar a presença negra na formação da sociedade paraense, relata que a contribuição africana na Amazônia pode ser vista na cultura popular, na culinária e nos mais variados aspectos sociais e culturais da região, no sentido de pensar as articulações da população negra no período colonial. O autor nos fala das sociedades de mulheres e homens negros na capital paraense, das quais podemos destacar as taieras ou talheiras, um grupo de mulheres negras trabalhadoras que residiam no bairro Umarizal

e trabalhavam no bairro da Campina, lavando roupas no igarapé das Almas enquanto entoavam canções e reivindicando a garantia e a melhoria do trabalho e seus salários.

Assim como as taieras, outras sociedades negras também existiam, como na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em que duas irmandades surgiram, dentre elas a N.S. do Rosário dos Homens Pretos em 1682 e a do Glorioso São Benedito em 1789. Além disso, houve também a Associação das Estrellas do Oriente em 1886, que era composta por mulheres negras, as Bahianas, as Briosas, as Irmãs de São Raimundo e outras não identificadas pela historiografia.

Sobre a presença negra na Amazônia, o cientista social Assunção Amaral, no artigo *Caminhos e afrodescendência negra na Amazônia* (2014), afirma que a conhecida Amazônia verde também é uma Amazônia negra, pois a presença e as contribuições negras na região são marcantes e significativas para o desenvolvimento da região. No entanto, mesmo diante dessas contribuições da população negra, a invisibilidade e o apagamento histórico dessas realizações ainda estão presentes, pois:

Ser negro(a) no Pará, e por que não dizer na Amazônia, não é o mesmo que nas outras partes do país. Pelo processo histórico, a presença da população negra na região foi mitigada e relegada a segundo plano. A região tem a marca das hipérboles e dos mitos, e essa marca condicionou a forma como a população negra foi tratada nas análises acadêmicas e como teve a sua identidade “sufocada” na metáfora do ser moreno/morena até os dias atuais [...] (Conrado, Campelo e Ribeiro, 2015, p. 114).

Dessa forma, uma das questões essenciais para discussão da identidade negra na Amazônia paraense, conforme instigam os autores, diz respeito ao ideário construído sobre a morenidade, onde a população negra passa a se afirmar como “morena”, para assim negar o ser negro. Também, ocorre o

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

que é denominado como o “mito indígena”, que é baseado no estereótipo de uma Amazônia indígena, mas que não valoriza e respeita a cultura e identidade desses povos, ao mesmo tempo que nega a presença e influência negra na região (Conrado, Campelo e Ribeiro, 2015, p. 114). É nesse cenário complexo que se encontra a população negra na Amazônia paraense:

Em uma sociedade em que a negação do ser negro(a) é marca do processo histórico e cultural, constatando-se um alto grau de baixa estima, a busca de uma identidade alternativa abriu-se como uma possibilidade quase que naturalizada. A ideia do moreno(a) ameniza os confrontos, atenua o sentimento de exclusão e faz com que as pessoas se sintam integradas ao dizerem com ênfase: “Eu sou morena”. Ter consciência da cor preta aponta para uma busca de identidade que não atinge toda a população negra do Pará. Ser moreno torna-se a possibilidade de inserção na sociedade, mediante um pacto silencioso e perverso: eu nego minha cor e você finge que não me vê [...] (Conrado, Campelo e Ribeiro, 2015, p. 220-221).

Com base nas formulações dos autores, podemos compreender o Movimento Negro atuante na Amazônia paraense como o principal agente de combate às dinâmicas de dominação presentes no cotidiano e no imaginário social da região, pois se há uma construção política e identitária baseada na afirmação de uma morenidade, ao afirmarem a identidade negra e não morena, o povo negro movimenta e constrói novas formas de representações e possibilidades para suas existências (Conrado, Campelo e Ribeiro, 2015, p. 220-221).

É como podemos denominar os territórios negros atuando na Amazônia paraense, espaços de variadas expressões, onde as pessoas negras podem simplesmente ser, para além das etiquetas de repressão impostas sobre o corpo negro nas relações raciais do cotidiano brasileiro, no qual há o protagonismo da população negra provinda de distintos contextos, os quilombolas, militantes do movimento negro no espaço urbano, migrantes

maranhenses e descendentes barbadianos (Conrado, Campelo e Riveiro, 2015, p. 220-221).

Dentre essas movimentações, podemos destacar o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA) como um dos marcos referenciais para o negro na Amazônia, pois conforme demonstra o pesquisador Domingos Conceição, o CEDENPA pode ser considerado o primeiro Movimento Negro Contemporâneo na cidade de Belém, fundado institucionalmente no dia 10 de outubro de 1980 (Conceição, 2017, p.117).

A origem desta organização, está relacionada à realidade do contexto internacional, nacional e local, pois em Belém como no território nacional, conforme já foi mencionado em parte no início deste tópico, este momento histórico, está pontilhado por manifestações sociais, políticas e culturais como nos quilombos urbanos e rurais, as irmandades, as casas de candomblé, as capoeiras, os clubes de pretos libertos etc. (Conceição, 2017, p. 117).

O autor ainda nos apresenta outras organizações negras atuantes em Belém do Pará, citando o Grupo de Estudantes Universitários Negros (GEUN), surgido em 1992 e apontado como o primeiro movimento protagonizado pela juventude negra na cidade. Essa articulação de jovens negros surgiu justamente a partir de discussões realizadas pelo CEDENPA sobre a população negra e o mercado de trabalho. Posterior a isso, o GEUN passa a se denominar como o Mocambo em 1998. Outro movimento mencionado pelo pesquisador é o Malungu, que parte das questões do povo negro que vive nos campos, e que possui também articulações com o meio urbano.

Em uma Amazônia paraense de rios e florestas, mas que também é urbana e repleta de construções tecnológicas ancestrais, kuumba está em movimentações negras que atuam como espaços de produção de sentido em

uma estrutura que corrobora a aniquilação da existência negra. Desse modo, podemos destacar o Coletivo Ilustra Pretice PA, o quilombo da República, a Rua dos Pretos na periferia de Belém, o Coletivo Sapato Preto, as Pretas Paridas da Amazônia, as batalhas de rap, as rodas e os grupos de carimbó, a Marcha das Mulheres negras, o baile Coisa Preta, o Negritar Produções, o Cine Clube TF, a Rádio Laroye Exu, dentre outros espaços protagonizados pela população negra.

O que percebemos nesse breve apanhado é o fato da população negra na Amazônia possuir um histórico de lutas e articulações políticas, culturais e sociais, com o intuito de construir autonomia e afirmar a identidade negra na região. Atualmente, percebemos a continuidade dessas lutas que se desvelam de forma muito marcante em artes visuais, músicas, danças e múltiplas linguagens.

Vale destacar que, segundo o Mapa da Secretaria de Igualdade Racial e do IBGE, a população negra no Pará chega a 76,7% (IBGE, 2013), e assim como em outras regiões do Brasil, é afetada com as contradições presentes em uma sociedade onde ideologicamente a brancura é o critério de estética social, mas que na realidade possui a predominância negra em sua distribuição social (Ramos, 1995). Sendo assim, podemos dizer que o apagamento das contribuições de negros e negras na Amazônia é uma articulação racista que busca criar um ideário imagético, cultural, social e político, com o intuito de desarticulação política das populações negras, pois, se há um grande contingente de pessoas negras nessa região, os riscos de mobilizações contra a sistemática branca também são altos.

Relegados pelo epistemicídio e o colonialismo interno que segue privilegiando as narrativas brancas que se impõem como hegemônicas, ainda há pouco interesse das demais regiões do país em querer conhecer as inúmeras narrativas negras que ecoam nas Amazônias, mesmo com um

número significativo de pesquisadores, escritores e artistas que há tempos afirmam e comprovam a forte presença negra na região.

Começo, meio e começo novamente

Ao reivindicar kuumba como energia ancestral impulsionando as ações das herdeiras/os de Ananse na diáspora africana, estamos fazendo o movimento proposto pelo filósofo Molefi Kete Asante (2009), quando nos lembra da importância de pensar a agência africana como central para a população negra ao redor do mundo, já que, como bem aponta a filósofa Aza Njeri (2020), é preciso adentrar os pluricaminhos traçados pela população negra, com o intuito de reconhecer quais são as possibilidades e estratégias de reconstrução da humanidade negra, aliando as tecnologias ancestrais com as realizações negras no mundo contemporâneo.

Sendo assim, afirmo que kuumba é a constante reinvenção e contestação ao modelo hegemônico de existência branca e racista, é uma forma de permanência de nossas existências pretas no mundo e pode ser encontrada nas linguagens e modos de significação, produzidos por artistas, escritoras/es, lideranças e revolucionárias/os negras/os. Kuumba é a energia guia e força inspiradora para chegar até aqui sem desistir, sempre almejando novos horizontes para o hoje e o amanhã que se expandem em uma constante reinvenção. Kuumba é a vibração negra que pulsa e se movimenta pela terra, criação negra que nutre nossos espíritos, emanando sabedorias ancestrais que permitem a continuidade dos traçados da história negra no mundo, força propulsora guiando nossos caminhos para continuidade de nossos corpos e modos de existir.

Neste texto, utilizei do princípio de kuumba e relacionei-o diretamente com as histórias africanas de Ananse, entrelaçando também com outras

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

epistemologias e afroconfluências das intelectualidades negras ao redor do mundo, tendo em vista que compreendo a importância de fortalecer o pensamento negro em nossa sociedade, sobretudo, em uma região como a Amazônia paraense, rica em epistemologias, saberes e práticas culturais. As palavras aqui explicitadas, são tecidas pela Deusa Araná que nos guia nesses constantes movimentos negros. Com isso, seguimos acreditando em kuumba, na reinvenção da existência negra que é potente, criativa, imaginativa, poética radical e revolucionária.

Referências

AUBURN, E. Ellis. Cultivating Kuumba: Applying Art Based Strategies to Any Field. *23rd Annual African Diaspora Pre-Conference Adult Education Research Conference (AERC)*, Kansas State University, June ,2015. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED557209.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

AMADOR DE DEUS, Zélia. *Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cota para negros na universidade*. 2008. 295 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFPA_ab623cb7f8751e18b80c3134841baee8. Acesso em: 27 jan. 2023.

AMARAL, Assunção José Pureza. Caminhos e afrodescendência negra na Amazônia. In: Campelo, Marilu Marcia; de Jesus, Raimundo Jorge Nascimento; de Deus, Zélia Amador. (Org.). *Entre rios e florestas da Amazônia*. Perspectivas, memórias e narrativas de negros em movimento: subsídios para a Lei 10639/03. Belém: UFPA GEAM, 2014.

ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.

BALDWIN, James. *Notas de um filho nativo*. Tradução: Paulo Henriques Britto. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra quer, a terra dá*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 340 p. Tese (Doutorado em Educação - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 28 jan. 2019.

CONCEIÇÃO, Domingos. *Movimento negro em Belém: ação coletiva de combate ao racismo e defesa de negras e negros*. 2017. 168 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <https://www.ppgss.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DOMINGOS%20CONCEI%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2022.

CONRADO, Mônica; CAMPELO, Marilu; RIBEIRO, Alan. As Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense”. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 52, p. 213-246, abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21886>. Acesso em: 7 abr. 2022.

DU BOIS, W. E. B. *As Almas do povo negro*. Tradução: Alexandre Boide. Ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Sílvio Luiz de Almeida. São Paulo: Veneta, 2021.

GOMES, Flávio dos Santos. *A Hydra e os Pântanos: Quilombos e*

Mocambos no Brasil - Sécs. XVII a XIX. 1997. 782 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/9920/1/Tese_HidraPantanosQuilombos.pdf. Acesso em: 11 maio 2019.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 24, p. 68-75, 1996.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HURSTON, Zora Neale. O que os editores brancos não publicarão. Tradução: Messias Basques. *Ayé: Revista de Literatura e tradução*, v. 1, n. 1, p. 106-111, 2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Características Étnico-raciais da População Classificações e identidades*. Org. José Luis Petruccelli e Ana Lúcia Saboia. Rio de Janeiro, 2013.

KARENGA, Maulana. *Nguzo Saba: The Seven Principles*. Timbuktu: Universidade de Sankore, 1965.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOURA, Clóvis. *Quilombos: Resistência ao escravismo*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodiáspora*, ano 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

PAULINO, Rosana. *Imagens de sombras*. 2011. 99 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São

Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-05072011-125442/publico/tese.pdf>. Acesso em: 11 maio 2023.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RICHARDSON, Tarik. Kuumba: Kwanzaa and the Strategic Importance of African Creativity. *Academia Letters*, p. 1-6, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/67421162/Kuumba_Kwanzaa_and_the_Strategic_Importance_of_African_Creativity. Acesso em: 27 janeiro 2023.

SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.

Submissão: 29/01/2024

Aceite: 26/08/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98305>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*